

FESTA DO DIVINO NO MARANHÃO¹

Sergio F. Ferretti

Antropólogo, Prof. da UFMA

A festa do Divino Espírito Santo é um ritual do Catolicismo que, como o carnaval, o bumba-meu-boi e outras festas populares, possui características específicas em diferentes regiões². Enquanto na maior parte do país a festa é um ritual do Catolicismo popular, no Maranhão, embora vinculada ao catolicismo, o Divino possui duas peculiaridades que a distinguem. Primeiro, a presença marcante de mulheres - as caixeiras, que tocam instrumentos musicais denominados caixas do Divino. A outra diferença, que ocorre principalmente em São Luís³, é estar incluída no calendário religioso de terreiros de tambor de mina, como são denominadas as casas de culto afro-maranhenses. Quase todos os terreiros de mina organizam, uma vez ao ano, uma festa do Divino em homenagem à entidade importante para a comunidade religiosa.

A época de realização da festa varia com as casas, iniciando-se a partir do domingo de Pentecostes - entre maio e junho, e continuando até inícios do ano seguinte. Segundo estimativas do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, órgão vinculado a Secretaria de Estado da Cultura, são realizadas anualmente mais de uma centena de festas do Divino em São Luís. Algumas poucas pessoas também organizam a festa em suas casas. Geralmente são pessoas relacionadas com o tambor de mina e que, por algum motivo, fazem a festa fora do local de culto, mas sempre em homenagem a entidades cultuadas nos terreiros.

Nos últimos anos, a Secretaria de Estado da Cultura, a Fundação Municipal de Cultura, ou órgãos relacionados ao Turismo têm apoiado a realização de festas do Divino em terreiros, com vistas à manutenção dessa tradição. Conforme Canclini (1997: 206), “o tradicionalismo é hoje uma tendência em amplas camadas hegemônicas”. Essa ajuda pode, às vezes gerar conflitos entre os organizadores pela interferência de influências externas e a mobilização de recursos financeiros extras. Reflete também a dimensão política, nem sempre explícita, que possuem as festas religiosas populares, bem como a presença de membros de classes sociais diferentes entre os organizadores e participantes. Ultimamente esta ajuda tem sido dada principalmente através do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho ou da Comissão Maranhense de Folclore, que cadastram as festas apoiadas.

As caixeiras constituem elemento imprescindível e típico da festa do Divino no Maranhão. São senhoras idosas com o encargo de tocar caixas⁴ e entoar cânticos, repetidos de cor ou improvisados, em louvor ao Divino Espírito Santo. Costumam fazer isso por promessa ao longo

¹ Texto publicado no Catálogo da Exposição Divino Toque do Maranhão. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular /IPHAN / MEC, 2005, p 9-29.

² No mundo português, conforme diversos autores, essa festa se difundiu a partir dos Açores. Sabemos que no início dos tempos coloniais, Portugal mandou casais açorianos para povoar o Brasil, sobretudo nas regiões próximas aos limites do Tratado de Tordesilhas, que passava, ao Norte, perto Belém do Pará e, ao sul, em Laguna, no atual estado de Santa Catarina. Talvez por isso, nessas regiões, como no interior do país, em Goiás essa festa até hoje continue muito importante, embora seja realizada também em outros estados como São Paulo e Rio de Janeiro. Na literatura específica constata-se sua ausência em vários estados, sobretudo no Nordeste, na região que vai de Sergipe ao Piauí, talvez em função do tipo de ação missionária desenvolvida no passado.

³ Em dois municípios próximos à capital, Alcântara e Paço do Lumiar, a festa não tem relações com terreiros.

⁴ As caixas do Divino são tambores semelhantes aos usados pelos soldados nas paradas militares. São instrumentos membranofônicos confeccionados em metal cilíndrico, com cerca de 70 cm de altura por 50 de diâmetro e couro nas duas bocas, afinados por cordas laterais. São tocadas com duas varetas de madeira. São pintadas de vermelho e branco ou de azul e branco. Nos deslocamentos, ficam suspensas ao ombro da caixeiras por tiras de pano. São batizadas, possuem padrinhos e recebem nomes especiais. Em São Luís, diferentemente do que constatamos em outros lugares, os tambores ou caixas do Divino são tocados quase exclusivamente pelas caixeiras, que em alguns momentos executam dança complexa diante do mastro e do império, acompanhadas por meninas que seguram bandeiras, as bandeireiras.

da vida e vinculam-se a um grupo de seis a dez ou mais pessoas, que anualmente toca em diversas casas, sob a liderança da caixeira régia⁵, ajudada pela caixeira mor. Normalmente as caixeiras não recebem remuneração, mas são muito valorizadas. Recebem alimento, algum dinheiro para transporte, vestimentas iguais em algumas festas e são agradadas com presentes e mantimentos. Além de tocar e cantar, elas dançam com as bandeireiras diante do trono e do mastro.

Dona Maria Celeste Santos, vodunsi da Casa das Minas desde 1950, conhece profundamente a Festa do Divino, da qual participa desde seus oito anos. É caixeira régia e desde 1969 passou a organizar a festa na Casa das Minas⁶. Dona Celeste viveu alguns anos no Rio de Janeiro, entre meados das décadas de cinquenta e sessenta, tendo conhecido e colaborado em algumas festas do Divino, tendo sido uma das responsáveis por levar para o Rio o estilo maranhense desta festa. Em 1967, ajudou a organizar a festa em Bonsucesso, no terreiro do finado pai-de-santo Manoel Colasso, com características das festas maranhenses, que continua sendo realizada até hoje, com maranhenses que vivem no Rio. Ela colabora sempre com a realização de várias festas do Divino em São Luís e orienta a realização de festas em outros locais. Temos observado há anos esta festa, especialmente nos terreiros de mina de São Luís e grande parte do que sabemos nos foi ensinado por Dona Celeste.

Segundo Dona Celeste, em toda festa do Divino tem que haver nove tipos diferente de toques, com ritmos distintos, que a caixeira régia tem que conhecer bem e saber o momento em que devem ser tocados. São eles: (1) Toque do Espírito Santo Dobrado; (2) Toque do Espírito Santo Singelo; (3) Toque de Senhora Santana; (4) Toque do levantamento e da derrubada do mastro - (de Nossa Senhora da Guia); (5) Toque do hino da Missa; (6) Toque da Alvorada, que continua com o da Alvoradilha; (7) Toque da dança das caixeiras; (8) Toques de rezas e de ladainha nas caixas; (9) Toque do fechamento da tribuna, com o Bendito de Hortelã. A Festa do Divino e principalmente as caixeiras, têm despertado o interesse de estudiosos que redigem monografias, dissertações, artigos e trabalhos de pesquisa sobre o tema (Barbosa, 2002; Gouveia, 2000, 2001).

Antes do início de uma festa há uma longa fase preparatória que começa com a tomada de decisão de realizá-la em pagamento de promessa, por devoção ou exigência de uma entidade religiosa. Inspirado em trabalho de Maria Laura Cavalcanti (1994), queremos comentar brevemente alguns aspectos dos bastidores da Festa do Divino em São Luís. As atividades incluídas nos bastidores não são vistas pelo público, mas são imprescindíveis ao bom andamento de uma festa, na qual participa grande número de pessoas. Em todas as festas eles são importantes e na Festa do Divino, em que se realiza uma seqüência longa e barroca de rituais, os bastidores são essenciais para que se tenha uma boa festa, funcionando antes, durante e após o seu encerramento.

É necessária a decisão conjunta de pessoas interessadas comprometidas a levar adiante a obrigação de realizá-la como promessa, que se espera venha a ser assumida durante alguns anos, pois é uma obrigação muito séria e não se deve começar num ano sem continuar nos seguintes. Essas pessoas se reúnem sob a liderança de um ou dois responsáveis principais ou encarregados. Em geral, há a expectativa de que “uma festa bonita e bem organizada atraia muitas pessoas que, gostando, virão outras vezes, trarão novos convidados e, com isso, a cada ano a festa irá crescendo e atraindo mais pessoas”, como nos foi dito em 1996 em festa na casa da finada Dona Neném. Quando se decide organizar, a festa passa a ser feita durante vários anos, enquanto a principal responsável puder fazê-lo. Após a morte do primeiro organizador, muitas vezes a festa continua sendo organizada por pessoa do mesmo grupo, parente ou amiga. Temos conhecimento de algumas pessoas que organizaram festa do Divino em São Luís durante cinquenta anos ou mais.

⁵ A caixeira régia, que chefia as outras caixeiras, é personagem de grande importância na festa do Divino e precisa conhecer bem todos os cânticos e detalhes dos rituais.

⁶ Temos notícias e documentos sobre a realização da Festa do Divino na Casa das Minas desde fins do século XIX.

Com antecedência mínima de um ano, são escolhidos os membros dos impérios⁷ como um casal de imperadores, de mordomo régio, mordomo mor, os padrinhos do mastro e outros colaboradores. Um semestre antes escolhem-se as cores predominantes das vestimentas, a serem usadas pelas crianças, e dos enfeites, para que os organizadores comecem a adquirir o material necessário, devendo tudo ser preparado com bastante antecedência. Uma festa do Divino considerada boa costuma ter, no mínimo, seis mesas de doces, cada uma com duas a três dúzias de enfeites ou lembranças para serem distribuídas entre os amigos e colaboradores.

A confecção de vestimentas especiais para cerca de uma dezena ou mais de crianças que representam o império do Divino exige a colaboração de muitas costureiras que confeccionam um ou mais vestidos para cada menina, ternos e fardas para os meninos, todos usando luvas, sapatos novos, sendo os imperadores vestidos com manto ou “capote” de veludo bordado. Em algumas festas as crianças do império recebem roupas novas para o dia do levantamento do mastro, para os dias das visitas e roupas de grande luxo para os dois dias principais.

São necessárias cortinas, toalhas, almofadas, bandeiras e móveis especiais para as mesas de doces, para a tribuna⁸ do império e o altar, além da colocação de fios, lâmpadas e pintura do local onde será realizada a festa e, às vezes, de toda a casa⁹, preparação de enfeites de papel ou de plástico para decorar o altar, o salão das mesas e o quintal ou o lugar do mastro¹⁰. É necessário providenciar conserto dos instrumentos musicais - as caixas do Divino, bem como o local para guardar os gêneros e para preparar e conservar os alimentos que serão consumidos. É preciso também decidir sobre o transporte e a preparação do mastro e, às vezes, o transporte dos participantes no dia da missa celebrada numa igreja da cidade.

São mantidos contatos prévios com as caixeiros que irão tocar e cantar e com todas as outras pessoas que colaboram nas múltiplas funções necessárias a uma festa bonita. Muitas pessoas, por gosto e devoção, ajudam e participam de várias festas. É comum as caixeiros dizerem que têm obrigação de tocar em todas as festas que tiverem conhecimento. Ouvimos caixeiros dizerem que, durante o ano, tocam em mais de trinta festas. Da mesma forma, várias pessoas cozinham ou preparam enfeites e realizam outras atividades.

Alguns devotos oferecem porcos e galinhas que eles mesmos criaram. É comum matarem vários porcos e até mesmo um boi para alimentar a todos. É preciso preparar e distribuir, com grande antecedência, convites aos amigos solicitando uma “jóia” ou “prenda”, além de recolher e contabilizar o que foi conseguido. É necessário adquirir tudo o que vai ser utilizado, como tecidos, decoração, ingredientes e mantimentos, procurando melhores preços e fazendo encomendas a amigos que viajam a outros estados onde esses produtos são adquiridos mais em conta. As casas que sempre realizam festa costumam guardar com cuidado os tecidos e objetos próprios da decoração. Os doces e alimentos são preparados por diversos auxiliares, num

⁷ Na festa do Divino em São Luís o império é representado por cinco a dez ou mais crianças, na faixa etária entre 4 a 14 anos, vestidas com roupas de época, usando trajes da corte de imperadores e mordomos, com seus respectivos símbolos, como coroa, tiaras, cetro e outros. São saudados como nobres e sentam-se em tronos ou tribunas. Sobre a popularidade do império do Divino no Brasil, Câmara Cascudo (1962) comenta: “basta lembrar que José Bonifácio preferiu o título de ‘imperador’ ao de rei por aquele ser mais conhecido e amado pelo povo, no hábito do imperador do Divino. Essa é a razão de Dom Pedro I ter sido imperador e não rei do Brasil”.

⁸ A tribuna do império é geralmente armada como uma ampliação do altar católico dos terreiros. Inclui trono com cadeiras especiais onde sentam as crianças que representam o império. Costuma ser revestido de tecidos finos, de cores variadas, decorados com guirlandas. Diante da tribuna, realizam-se diversos rituais importantes como abertura, encerramento e saudações aos impérios, com a participação das caixeiros, bandeireiras e toda a corte do Divino.

⁹ Em muitos terreiros a época do Divino é ocasião em que se faz uma limpeza e pintura geral de toda a casa e se renovam os enfeites de papel ou plástico que decoram o salão de danças, onde costumam ser armadas a tribuna do império ou as mesas de doce da festa.

¹⁰ O mastro preparado com tronco de árvore de 5 a 10 metros é um dos elementos simbólicos mais importantes. Sua presença assinala que a casa se encontra em período de festa. Costuma ser pintado ou enfeitado com folhas, frutos e bebidas. Segundo Câmara Cascudo (1962: 469), “os mastros votivos são reminiscências dos cultos agrários, homenagem propiciatória às forças vivas da fecundação”. Na festa do Divino, o mastro é um símbolo relacionado ao elemento masculino. São os homens que se encarregam dele no dia do buscamento, no levantamento e na derrubada. Nesses momentos, a bebida costuma estar presente junto com brincadeiras e piadas, destacando seu aspecto fálico. O mastro deve ser defumado, benzido e batizado pelas mulheres da casa e pelos padrinhos.

período mínimo de duas a três semanas. Nos dias maiores da festa das casas mais conhecidas, chega-se a oferecer refeições para 400 a 600 pessoas. Também faz parte da tradição distribuir pratos de doces aos visitantes e sobras de alimentos ou de gêneros alimentícios entre as caixeiras, colaboradores e outras pessoas¹¹.

Devido à complexidade e às dificuldades de se organizar uma festa do Divino completa, algumas casas realizam somente uma salva do Divino ou apenas erguem o mastro e rezam algumas orações. Mas, apesar de todas as dificuldades, que sempre aumentam para as populações mais pobres, existe no Maranhão o costume de, a cada ano, os grupos quererem fazer uma festa do Divino mais bonita e mais rica do que a anterior, como ocorre com o bumba-meu-boi e com outras festas populares.

A festa do Divino é comemorada pela Igreja Católica no Domingo de Pentecostes, com data móvel celebrada 50 dias após a Páscoa. Nesse dia é lembrada a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, representado iconograficamente por uma pomba e por línguas de fogo. Esse evento é considerado um dos mistérios da religião. A idéia de mistério é também um dos componentes das religiões afro-brasileiras, muito acentuado no tambor de mina, onde grande parte do conhecimento religioso é considerado um segredo, transmitido oralmente e conhecido por poucos¹². A pomba e a cor vermelha¹³ são símbolos presentes na festa do Divino em toda parte. No Domingo de Pentecostes são realizadas cerca de uma dezena de festas do Divino em São Luís, inclusive na Casa das Minas, na Casa de Nagô e em alguns outros terreiros.

Em função de pregações missionárias anteriores e a partir de comparações feitas pelo catolicismo e por outras religiões¹⁴, entre a descida do Espírito Santo em Pentecostes e o transe religioso, provavelmente os praticantes das religiões de origem africana passaram a ver na festa de Pentecostes uma analogia com a possessão mediúnica por entidades sobrenaturais, fenômeno essencial nas religiões de transe ou possessão.

A abertura da tribuna, o buscamto e o levantamento do mastro são etapas preparatórias da festa que, como vemos, é extremamente ritualizada. Segundo Dona Celeste, “o que se faz no começo tem que ser feito no encerramento”¹⁵ ou no fechamento da tribuna.

A abertura da tribuna é um ritual quase privado, do qual participam poucas pessoas envolvidas. É realizado numa tarde de domingo durante algumas horas, geralmente no Domingo de Páscoa, após o Sábado da Aleluia¹⁶; no domingo seguinte, dito da Pascoela; ou algumas semanas antes da data da festa. Nesse ritual aparecem, de modo evidente, vários outros símbolos da festa, como a pomba, a coroa, as caixas e bandeiras, que são colocados diante ou sobre o altar católico do terreiro ou na tribuna. As caixeiras se reúnem com o império, usando ainda

¹¹ Na Casa das Minas era comum, até meados da década de 1930, distribuir as sobras da festa do Divino aos leprosos. Eram levadas carroças com mantimentos para o leprosário, então localizado nos fundos do Cemitério do Gavião, próximo da Casa das Minas. Depois que foi transferido para o Bonfim, na Casa das Minas, os imperadores, ao retornarem da missa da coroação, passaram a distribuir, na porta da Casa, cestas de alimentos e esmolas para um grupo de pobres.

¹² Palavras relativas ao mistério de Pentecostes e sobre os seus símbolos costumam ser acentuadas pelo padre que prega o sermão na Missa desse dia, assistida pelos participantes da festa.

¹³ Em algumas festas, o azul também é cor importante, sobretudo, nas vestimentas, na decoração do altar e das mesas de doces. Na Casa das Minas se diz que quando a festa é realizada em junho predomina o vermelho que é a cor dos santos comemorados com fogueiras nesse mês, e quando a festa cai em maio, mês de Maria, predomina o azul, que representa a cor do seu manto.

¹⁴ O pentecostalismo protestante e o movimento carismático católico, hoje muito difundidos em toda parte, também comemoram a descida do Espírito Santo, desenvolvendo práticas como o êxtase ou transe, o dom de curas e a glossolália, ou fala em línguas estranhas, considerados símbolos do Espírito Santo, a partir de elementos inspirados em narrativas bíblicas. Esses movimentos, que costumam incentivar o êxtase pelo Espírito Santo, vêem o transe nas religiões afro-brasileiras como possessão demoníaca.

¹⁵ Dona Celeste, da Casa das Minas, compara a festa do Divino com o ritual da missa católica, onde não pode ocorrer nenhum erro. Há ritos que possuem simbolismo e eficácia específica e não podem deixar de ser realizados. Na festa do Divino, segue-se um ritualismo minucioso, não podendo ocorrer erros que representam um mau agouro. Em outro trabalho (Ferretti, 1995: 185), indicamos também relações entre a festa do Divino e o culto de Fã ou Ifã, dos Fons e Yorubás da África Ocidental, mostrando que, na Casa das Minas, essa festa é vista como um oráculo do futuro, uma vez que qualquer falha nos rituais é interpretada como prenúncio de mau agouro para a comunidade e para seus organizadores.

¹⁶ A festa do Divino está incluída no ciclo de Pentecostes, após o tempo da Quaresma, que vai da Quarta-feira de Cinzas ao Sábado de Aleluia, em que os terreiros tradicionalistas costumam permanecer fechados, sem realizar toques, seguindo o antigo costume católico de não se realizar festas nessa época.

roupas comuns e iniciam os toques de abertura. Parentes das crianças acertam detalhes e preparativos, combinando dias e encargos das visitas.

O buscamento do mastro costuma ser realizado num domingo antes do início da festa. O mastro, colhido previamente pelo doador em pagamento de promessa, é levado para uma casa próxima¹⁷. O buscamento constitui um ritual predominantemente masculino, realizado por homens amigos da casa, que se reúnem para carregá-lo, distribuindo-se bebidas alcoólicas e fazendo brincadeiras com conotações eróticas relacionadas a elementos fálicos. As caixeiras, o império, familiares e pessoas da casa acompanham o cortejo, tocando e cantando salvas alusivas ao fato, até o mastro ser colocado no local onde será erguido. Nos dias seguintes ele é preparado com folhagens e frutas, ou lixado e pintado, para ser levantado na frente ou nos fundos da casa. Uma das funções explícitas do mastro é assinalar, no bairro, que aquela casa está organizando uma festa importante. Como está próxima, combina-se com os pais das crianças e os organizadores os últimos detalhes sobre decoração, vestimentas e comidas.

Pintado com cores da festa e com seu nome¹⁸ ou enfeitado com murtas, folhagens, frutas e bebidas, o mastro é encimado pelo mastaréu, com bandeira, com símbolos do Divino ou do santo comemorado, e, no topo, coloca-se uma pequena pomba esculpida em madeira. No mastaréu coloca-se sempre um bolo de tapioca. As caixeiras, o império, os padrinhos e outros encarregados batizam o mastro antes de ser erguido, dando voltas ao seu redor com vela, toalha, rezas e cânticos. Algumas vezes, nesse dia, durante a ladainha, também se batizam novas caixas que serão utilizadas na festa.

O levantamento do mastro assinala o começo da festa. É feito à noite, com ladainha, batismo, padrinhos, império, caixeiras, música e grande animação, reunindo bastante gente. A cerimônia do levantamento exige perícia e coordenação do trabalho de vários homens, encarregados de cavar o buraco e erguer o mastro com cordas e escadas. Costuma-se servir bolo, mingau, café e refrigerantes. A partir desse dia, intensificam-se os preparativos da festa com o preparo de doces e comidas, pintura da casa, arrumação do trono e das tribunas e todos os últimos detalhes. Quando o mastro está erguido e a casa está em festa, é costume haver, diariamente, uma salva de caixas ao amanhecer, ao meio dia e ao anoitecer, denominadas de alvoradas. Também costumam ser realizadas, nesse período, duas ou três visitas às casas dos mordomos e do império, com oferta de doces e refrigerantes.

A antevéspera e a véspera da festa são dias de trabalho intenso. Matam e salgam bichos de quatro pés, geralmente vários porcos e até boi; muitas galinhas e patos e se prepara grande parte da comida. Diversas pessoas passam a noite cozinhando, confeitando bolos, na decoração de mesas, do altar e dos tronos ou tribuna. Na manhã do dia da festa, marca-se o encontro na igreja em que é celebrada a missa. As crianças comparecem, pela primeira vez, com as vestimentas do império, acompanhadas de seus familiares. As caixeiras assistem à missa com grande número de acompanhantes e freqüentadores. Até inícios dos anos oitenta era comum, em São Luís, as caixeiras deixarem as caixas na porta da igreja. Hoje costumam entrar com as caixas, algumas vezes tocam uma salva no fim da missa e tiram fotos com o império ao lado do padre.

Após a missa, realiza-se um cortejo solene até a casa da festa¹⁹. Consegue-se ônibus para levar e trazer o pessoal até parada próxima, de onde, na volta, o cortejo continua até o terreiro, acompanhado alternadamente pelo toque das caixeiras e algumas vezes por banda de música, desfilando com pompa, precedido por crianças que agitam bandeiras com símbolos do Divino e cores da festa. Soltam-se foguetes no caminho, sendo todos recebidos, solenemente, na

¹⁷ Hoje é comum muitos terreiros guardarem o mastro para ser utilizado posteriormente por vários anos. A cerimônia do buscamento, entretanto, continua sendo organizada.

¹⁸ O mastro nas festas do Divino, ao ser batizado, costuma receber um nome como Manoel da Vera Cruz, Oliveira, João, ou outro. Esses nomes são tradicionalmente preservados em cada terreiro.

¹⁹ Esta costuma localizar-se longe da igreja onde se assistiu à missa da festa, o que, de certa forma, contribui para preservar certo anonimato do terreiro.

porta da casa²⁰. Chegando da igreja, o império saúda o mastro, é instalado na tribuna e saudado pelas caixeiras. Costuma-se servir chocolate com bolo aos presentes.

Cada membro do império deve oferecer uma mesa mais bonita que as outras, preparada com esmero e arrumada numa sala para serem mostradas aos visitantes, filmadas e fotografadas. As cores predominantes dos bolos e dos enfeites variam com as da roupa da criança que oferece. Cada bolo pesa dez a vinte libras, sendo acompanhados por duas a três dúzias de enfeites que serão distribuídos no último dia. As mesas permanecem envoltas por cortinados, para evitar moscas, e ficam expostas por dois ou três dias. Todos aqueles que deram alguma ajuda na festa participam pelo menos de uma refeição. Os que colaboraram mais intensamente, as caixeiras, cozinheiras, familiares das crianças e ajudantes em geral são alimentados durante dois, três ou mais dias da festa. A fartura²¹ na comida é um dos elementos simbólicos importantes da Festa do Divino. Fala-se que quem come na festa terá sempre comida em casa. Os organizadores necessitam, porém, dobrar os cuidados para evitar desperdícios e furtos.

Em algumas festas pessoas da casa, amigas ou colaboradoras de outros terreiros, às vezes, entram em transe com sua entidade e permanecem nesse estado algumas horas, conversando com os presentes, dando recados ou mensagens e ajudando em atividades como preparar pratos e distribuir a comida. Também se organiza barraca com venda de refrigerantes e bebidas, fornecendo mesas, cadeiras e caixas de som e música. A barraca é explorada por amigo ou parente. Existe o costume, em algumas casas, de organizar, durante os dias da festa, um salão de baile com radiola, tocando reggae e que cobra ingressos. Representam alternativas para atrair mais gente e conseguir algum recurso para a festa.

A derrubada do mastro é uma das etapas rituais importantes que assinalam a finalização da festa. Costuma ser feita no início da noite do segundo dia, seguida ou antecedida por ladainha solene. Com toques de caixas e a presença do império, o mastro é derrubado por vários homens, acompanhado por vivas, palmas e fogos de artifício. Como o levantamento, a derrubada exige perícia dos homens encarregados desse serviço. Geralmente ficam suados, tiram a camisa e demonstram orgulho pelo trabalho árduo que executaram, observados pelas mulheres, crianças e pelo público, acompanhado de aplausos, toques de caixas e da banda de música. Após a derrubada, o mastaréu e a bandeira são entregues, pela organizadora, aos futuros padrinhos do mastro no próximo ano.

Depois, as caixeiras se reúnem diante da tribuna para proceder a entrega das posses do império aos próximos imperadores e mordomos, com toques, cânticos e lágrimas das crianças que deixam os cargos. Toca-se, então, o cântico solene de encerramento que, na Casa das Minas, termina com o “Bendito de Hortelã”, narrando a vida de Cristo, do nascimento até a morte e referindo-se à futura volta do Divino. O fechamento da tribuna assinala o término da festa, com as caixas sendo arriadas ao chão.

A festa em geral é realizada num domingo, a derrubada do mastro, na segunda e na terça-feira costuma-se realizar ainda o serramento do mastro. É a última ocasião para reunir todos os que participaram da festa, enquanto se procede o serramento, ao som do carimbó de velha. É um momento de confraternização, com uma brincadeira alegre e descontraída, em que participam os que trabalharam e os que colaboraram ou simplesmente assistiram a momentos da festa. Em muitas casas, os símbolos do império e as roupas das crianças permanecem alguns dias diante do altar católico, enquanto se realizam festas de tambor de mina, com toque no terreiro,

²⁰ O império é recebido na porta, quase sempre, por pessoa da casa em transe com entidade homenageada ou que a represente, quase não percebido, pelos presentes. Na Casa das Minas, nessa hora, o império dá esmolas a um grupo de pobres, lembrando o antigo costume de distribuir comida aos leprosos, ao fim da festa.

²¹ A expectativa de fartura existente na festa do Divino levou alguns a tentar identificar elementos milenaristas e messiânicos nessa festa, que teriam sido introduzidos por um de seus idealizadores na Idade Média, o monge cisterciense italiano Joaquim de Fiore (1136-1202), como comentamos em Ferretti (1995: 170; 186). Falbel (1996: 273-276) discute elementos teológicos da doutrina trinitária na obra de Joaquim de Fiore que, sob o mistério da Trindade, constrói uma periodização das três idades do mundo onde, no período do Espírito Santo, predominará o Amor, inaugurando a humanidade do futuro, prefigurada na ordem monástica. Como dissemos anteriormente, não identificamos a presença explícita de elementos milenaristas ou messiânicos na Festa do Divino dos terreiros de São Luís.

que geralmente é feito no espaço principal onde estava armada a tribuna, para que as entidades apreciem as vestimentas que foram usadas.

Em conclusão podemos dizer que a Festa do Divino é uma tradição do Catolicismo e da cultura popular, muito encontrada em várias regiões do país, com características próprias em cada lugar. Em São Luís, é organizada principalmente por afro-descendentes, em terreiros de tambor de mina, e nela se destacam os toques das caixeiras. É uma festa com organização minuciosa e complexa, com uma seqüência barroca de rituais, que não podem deixar de ser executados. Procuramos desvendar aqui uma parte dos bastidores, indispensáveis, para a organização de uma boa Festa do Divino em São Luís do Maranhão.

Bibliografia consultada:

ABREU, Martha - *O Império do Divino*. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830 - 1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FAPESP, 1999.

BARBOSA, Marise Glória - *Um as mulheres que dão no couro*. As caixeiras do Divino no Maranhão. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História. PUCSP, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues - *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1979.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1962.

CAVALCANTI, Maria L. V. de Castro - *Carnaval Carioca*. Nos bastidores do desfile. Rio de Janeiro: UFRJ/Minc/FUNARTE, 1994.

FALBEL, Nachman. São Bento e a ordo monachorum de Joaquim de Fiore (1136-1202). In: *Revista USP*. N. 30. Dossiê Brasil dos Viajantes. São Paulo: USP, jun - ago 1966: 273-276.

FERRETTI, Sergio. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: EDUSP, 1995.

GOUVEIA, Claudia Rejane Martins - Personalidades de um rito festivo: as caixeiras do Divino Espírito Santo. In: *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*. Nº 17, São Luís: CMF, 2000, p. 20-21.

_____. "As esposas do Divino". Poder e prestígio feminino nas festas do Divino em terreiros de tambor de mina em São Luís do Maranhão. Recife: Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFP/PPGA, 2001.

LIMA, Carlos de Araújo - *A festa do Divino Espírito Santo em Alcântara*. Maranhão: Dep. de Cultura, 1972.

MARANHÃO, Secretaria de Estado da Cultura/ CCPDVF. *Memória de Velhos*. Depoimentos. Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. Vol. 1. São Luís: Lithograf, 1997. Depoimento de Dona Maria Celeste Santos, p. 87- 164.